

## A experiência da “Grande Guerra” nas páginas de *Selecta* (1914-1919)

Luciana Pessanha Fagundes

### Resumo

*Este artigo tem como objetivo analisar a revista Selecta, publicada semanalmente a partir de junho de 1915, na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1914 e 1919. A revista tinha como objetivo complementar a leitura de outro semanário famoso e popular do período: a revista Fon-Fon! Citada em inúmeros estudos, porém nunca alvo de um estudo específico, a revista Selecta apresenta algumas singularidades que percebemos ao analisá-la tendo como foco sua abordagem sobre uma temática deveras importante: a “Grande Guerra” (1914-1918). Assim, tencionamos relacionar a série de mudanças no âmbito do formato e do conteúdo da revista ao longo de seus primeiros quatro anos de existência, com o papel central que a imprensa brasileira adquiriu nesse momento, encarregada de noticiar e representar a experiência da guerra no Brasil.*

### Abstract

*This article aims to analyze the magazine Selecta, published weekly from June 1915, in the city of Rio de Janeiro, between the years 1914 and 1919. The magazine aimed to complement the reading of another famous and popular weekly of the period: the magazine Fon-Fon! Quoted in countless studies, but never the target of a specific study, Selecta magazine presents some singularities that we perceive when analyzing it, focusing on its approach on a theme that is very important: the “Great War” (1914-1918). Thus, we intend to relate the series of changes in the scope of the magazine’s format and content throughout its first four years of existence, with the central role that the Brazilian press acquired at that time, charged with reporting and representing the experience of war for Brazil.*

Sem, o célebre caricaturista parisiense, (...) foi à “frente” e trouxe de lá as suas impressões. Damo-las hoje aqui, especialmente traduzidas para “*Selecta*” e ilustrada com desenhos originais.  
(Revista *Selecta*, N. 31 – 29 de dez. de 1915)

No início do século XX, em uma época sem internet, televisão ou rádio, o primeiro grande conflito mundial, a “Grande Guerra”, contava apenas com os cabos submarinos, as notícias fluíam submersas em um ritmo frenético e preenchiam rapidamente as páginas de jornais e revistas, acompanhadas de desenhos ou fotografias. Repórteres, como o caricaturista parisiense Sem, descreviam em minúcias o que se passava no *front* e, junto com as notícias repassadas pelas agências Havas e Americana - as duas favoráveis à causa aliada, a população brasileira acompanhava a guerra que se desenrolava do outro lado do oceano Atlântico, em um primeiro momento caracterizada pela imprensa brasileira como a “guerra europeia” (Garambone, 2003, p. 21). Ou seja, junto às associações ou ligas criadas pela intelectualidade brasileira, a imprensa assumiu o papel de difundir representações do conflito; uma produção de forma alguma homogênea e recheada de embates entre aliadófilos, neutrais e germânicos.<sup>1</sup>

Assim como no restante do mundo, a guerra ocupou os noticiários dos principais periódicos brasileiros e entre os inúmeros jornais e revistas que existiam na capital brasileira da época, a cidade do Rio de Janeiro, escolhemos analisar a revista *Selecta*<sup>2</sup>. Considerando que a imprensa teve um papel central em explicar para as sociedades o porquê da guerra e que cada jornal ou revista procurou definir a natureza do conflito, bem como a forma como reporta-lo à sociedade (Paddock, 2004), nosso objetivo nesse artigo é analisar como a “Grande Guerra” era representada nas páginas da revista *Selecta*, atentando para possíveis alterações no formato e no conteúdo da revista relacionados com a guerra.

São questões pertinentes, pois, a mobilização dos países em guerra vai muito além de suas fronteiras. Foram organizadas verdadeiras frentes de batalha internacionais no âmbito

---

<sup>1</sup> A fundação da Liga Brasileira pelos Aliados em 1916 marcou claramente a preferência pela causa das nações da Entente, sendo escolhido para seu presidente Rui Barbosa, e para vice, o ensaísta e crítico literário José Verissimo. Dentre os simpáticos aos impérios centrais, a voz mais ativa era do deputado Dunshee de Abranches, que denunciava a motivação puramente comercial e econômica do conflito. Quanto aos que defendiam uma posição neutra, seu principal argumento residia no fato de que a posição “aliadófila” significava um alinhamento automático aos Estados Unidos, contava com figuras de como Assis Chateaubriand, Carlos Laet e Alberto Torres (FAGUNDES, 2013).

<sup>2</sup> Este artigo faz parte de minha pesquisa de pós-doutorado intitulada “Canções de guerra: a mobilização brasileira na Primeira Guerra Mundial (1914-1919)”, as fontes para tal pesquisa são essencialmente a imprensa brasileira, a revista *Selecta* recebeu atenção especial porque em julho de 1915 lançou um concurso de “chanson de route” ou “canções de marcha” com o objetivo de dotar os soldados brasileiros de canções patrióticas e motivadoras para o combate.

cultural através de uma maciça propaganda e a imprensa teve papel central na intensa batalha cultural que se travou, materializada no controle de informação e na propaganda, parte fulcral da chamada “cultura de guerra” constituída no período. Conceito pensado por Stéphane Audoin-Rouzeau e Annette Becker (2000), a “cultura de guerra” trata de pensar que a guerra é antes de tudo um ato cultural, pois a violência proveniente do conflito não é um ato gratuito, mas sim se alimenta de representações e valores. Algo intensamente trabalhado pelas elites intelectuais alemães, francesas e inglesas, que se empenharam em comprovar tais representações e valores através de seus escritos. A argumentação apresentada no campo de batalha cultural, que era a base da propaganda levada a cabo pelos beligerantes, se organizava em torno dos conceitos de civilização e barbárie. Possibilitando, por exemplo, que os alemães denunciasses a utilização de tropas coloniais por franceses e ingleses como uma das causas da “depravação da guerra”, e sua utilização se encontrava no coração das polêmicas sobre a barbárie, a civilização e a cultura (Audoin-Rouzeau; Becker, 2000). Nessa batalha cultural as potências aliadas foram extremamente bem-sucedidas, até porque uma das primeiras atitudes da Inglaterra com relação a América Latina, no início da Primeira Guerra Mundial, foi cortar o cabo telegráfico submarino que estabelecia, desde 1909, comunicações entre a Alemanha e o continente latino.<sup>3</sup>

Cabe ressaltar também que foram identificadas alterações importantes no formato dos jornais cariocas com intuito de se adequar ao abundante noticiário acerca do conflito. Segundo Aline Andrade Pereira (2013), que pesquisou quatro grandes jornais cariocas – *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *O Paiz* e *Jornal do Commercio* – a partir do assassinato do príncipe herdeiro do Império Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando, estopim da Primeira Guerra Mundial, em junho de 1914 até a declaração de guerra da Áustria à Sérvia no final de julho, foi possível observar como os títulos das matérias sobre a guerra se transformavam aos poucos em manchetes, criando uma nova formatação. Um exemplo foi a utilização, pela primeira vez, da expressão “Europa em guerra” pelo *Jornal do Brasil*, no dia 2 de agosto, logo em sua primeira página, conclui Pereira que o desafio de noticiar diariamente a guerra acabou por alterar a diagramação dos jornais.

Apesar da grande relevância, são poucos os estudos sobre os impactos da Primeira Guerra no formato da imprensa brasileira e sobre como a guerra foi representada em suas páginas. O trabalho do jornalista Sidney Garambone (2003) foi pioneiro nesse sentido.

---

<sup>3</sup> Segundo Matias Molina (2015, p. 313), o crescimento dos investimentos alemães na América Latina, levou a uma expansão das comunicações entre os dois países, com concessão de uma licença a uma empresa alemã para instalação de um cabo submarino até o Brasil em 1909. Em 1912, a Continental Telegraphen entrou em acordo com a Havas para operar também na América do Sul, aumentando consideravelmente o volume de notícias alemãs nos jornais Rio de Janeiro e de Buenos Aires.

Focado nos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Commercio*, Garambone concluiu que a imprensa carioca não se posicionou imediatamente ao lado dos aliados, adotando inicialmente uma posição neutra em relação ao conflito, assim teríamos duas fases ao longo da guerra: uma primeira fase em que a imprensa defendia a neutralidade brasileira e também apresentava-se como neutra em relação ao conflito, e uma segunda fase, na qual o posicionamento pró-aliado torna-se explícito. Mesmo considerando os poucos estudos sobre o assunto, não devemos generalizar as conclusões de Garambone para a imprensa carioca, muito menos para a imprensa nacional. Um exemplo nesse sentido é a pesquisa de Carlos Roberto de Melo Almeida (2017) sobre os boletins semanais de Júlio Mesquita, publicados no jornal *Estado de S. Paulo*, o matutino da família Mesquita.

Segundo Almeida (2017), o jornal destacou-se na imprensa brasileira em sua cobertura da guerra justamente pelo fato de publicar semanalmente os comentários do seu próprio diretor com base nos telegramas vindos da Europa, nos relatos de jornais europeus e nas correspondências de amigos. Por meio de seus boletins, Júlio Mesquita dava como certa a vitória da França e dos seus aliados logo no início da guerra, além de conferir ao conflito o sentido de uma cruzada da civilização liberal contra o militarismo. Ou seja, o posicionamento a favor dos aliados não foi fruto de maturação demorada, mas ocorreu de forma imediata à deflagração da guerra. Nesse universo restrito de trabalhos sobre imprensa brasileira e Primeira Guerra Mundial, destacamos, por fim, a pesquisa de Fernanda Arouca (2018) sobre a revista *O Malho* (1914-1918). Segundo Arouca (2017, p. 103), o conflito marcou presença nas páginas da revista desde seu início, acompanhado de duras críticas, que ressaltavam a importância de o Brasil manter sua neutralidade, reforçando seu papel “como líder pacifista na América do Sul”. Afirmativas que remetem à avaliação de muitos historiadores de que a guerra traz consigo a desilusão com o modelo civilizatório europeu, resalta Arouca. Todavia, o engajamento do Brasil na guerra, com o fim da neutralidade e a declaração do estado de guerra impactaram diretamente o discurso construído pela revista, que embarca, assim como outros periódicos, na vaga nacionalista e patriótica que acometeu o país. Segundo Arouca, a revista recorreu às ligações brasileiras com civilização latina para justificar o engajamento do país na luta contra a barbárie alemã. Comparando os achados de Arouca com nossa análise da revista *Selecta*, percebemos que a guerra vai ocupando gradualmente cada vez mais espaço em suas páginas, porém, diferente de *O Malho*, há desde o início do conflito uma tendência clara para o lado aliado, não apenas pela grande quantidade de matérias reproduzidas de revistas e jornais franceses, que são maioria na revista, mas também pela ausência de críticas ao conflito, sendo reforçado o discurso de mobilização nacional através do engajamento em campanhas como a de Olavo Bilac, bem como a ampla divulgação do exercício das Linhas de Tiro, que tem um *boom*

nesse momento.<sup>4</sup> O posicionamento com relação à guerra é compreensível se adicionarmos a informação de que os donos de *Fon-Fon!* e *Selecta* eram os italianos Alexandre Gasparoni e Giovanni Flogliani (com a participação de alguns intelectuais simbolistas em ambas as revistas como Mario Pederneiras e Álvaro Moreira) e a Itália entrou na guerra ao lado dos aliados em abril de 1915.<sup>5</sup> Por fim, termino esse pequeno comparativo com o trabalho de Arouca compartilhando uma de suas reflexões finais, a da lacuna absurda que temos sobre essa temática, ou seja, pouco sabemos sobre como as revistas ilustradas divulgaram e representaram o conflito em suas páginas.

Assim, uma das hipóteses com a qual trabalho é de que as diferenças na forma de representar, divulgar e se posicionar perante a guerra presentes em *O Malho* e *Selecta* residem justamente no fato de serem periódicos com características diferentes, apesar de comumente apresentados como revistas semanais ilustradas. Com suas colunas sociais sobre o incipiente cenário cinematográfico ou com seus poemas-piada e caricaturas mordazes, as revistas semanais ilustradas conquistaram uma fatia do ‘pequeno’ público leitor, tornaram-se uma espécie de “coqueluche da nova burguesia urbana” como bem definiu Sevcencko (1995, p.119). Tratavam de assuntos variados, sendo a maioria sobre o cotidiano da cidade, sendo uma de suas características centrais o humor. Utilizando como referência os trabalhos de Mônica Velloso (1996, 2003, 2010), percebemos a relevância de suas páginas como divulgadoras de novas formas de expressão, pensadas através da fotografia, da caricatura e da propaganda publicitária. Fruto de projetos coletivos da intelectualidade carioca, as revistas, fossem ilustradas ou não, expressavam formas da sociedade se relacionar com o moderno, o exemplo desse esforço está no diálogo que estabelecem “com uma pluralidade de culturas, atores e sentidos sociais”, no qual podemos encontrar “diferentes linguagens e estratégias comunicativas que revelam distintas configurações do moderno na sociedade brasileira” (2010b: 100). A citação de Velloso é valiosa justamente para pensarmos a variedade de formatos adotados pelas revistas ilustradas no início do século XX, e serve como base para questionarmos se *Selecta* caberia em uma classificação *stricto sensu* de revista semanal ilustrada. Como ressaltou a historiadora Tania De Lucca (2019), divisões em categorias podem ajudar, mas também

---

<sup>4</sup> O contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) justificou uma série de ações coordenadas por lideranças notáveis, dentre elas a ação do poeta Olavo Bilac, que já no ano de 1915 iniciou uma jornada patriótica pelo país, para “despertar a nação”. Uma das formas de se fazer isso era através da implementação do serviço militar obrigatório. Já as Linhas de Tiro são os clubes de tiro organizados por civis que se espalharam pelo país na primeira década do século XX, especialmente durante a atuação de Hermes de Fonseca como ministro da guerra (1906-09) (McCann, 2007).

<sup>5</sup> Segundo Vera Lins (2010, p.16), Álvaro Moreira saiu de *Fon-Fon!* para criar as revistas *Selecta* e *Para Todos*.

turvar certas singularidades da fonte, ou, suas “características camaleônicas”, como bem observou outra *expert* em história da imprensa Ana Luiza Martins (2019).<sup>6</sup>

### Quais seriam as singularidades ou “características camaleônicas” de *Selecta*?

Em agosto de 1914, o grupo *Fon-Fon!* resolveu publicar uma nova revista intitulada *Selecta*, a ideia era lançar um novo produto no mercado voltado para um público mais seletivo, como o próprio título já deixa claro. O primeiro volume experimental de *Selecta* tinha um número considerável de páginas (quase cinquenta!), sem aquela profusão de anúncios no interior da revista, uma das características das revistas ilustradas da época, com exceção da contracapa que contava com a propaganda do piano automático “REX”, vendido pela Casa Standard. Infelizmente, não sabemos qual imagem ilustrava a capa desse primeiro número de *Selecta*, muito provavelmente era sua musa, uma senhora elegante, bem vestida, apresentada ao público na última edição de maio de *Fon-Fon!* por seu *chofer*: “Catita, não é? Pois é *Selecta*, minha irmã que aparecerá todas as quartas-feiras, a começar da próxima!!!!” (*Fon-Fon!* Ano IX, n. 22, 29 de maio de 1915).<sup>7</sup>

A senhora “catita”, ou seja, que se destacava por seu bom gosto, é representativa do alto nível que se queria atingir com a nova revista, a justificativa de *Fon-Fon!* para o empreendimento é de que havia “assuntos e motivos de leitura, que não podem caber na feição informadora e de revista semanal, que é a de *Fon-Fon* e dessa falta, queixam-se, às vezes, alguns leitores” (*Fon-Fon!* ano VIII, 30 de julho de 1914). O grupo vislumbrou a possibilidade de marcar presença em meio a um público mais seletivo, com um conteúdo mais refinado, composto de artigos longos, de duas ou até três páginas. Ou seja, *Selecta* não era uma revista para se ler rapidamente no salão do barbeiro:

Na intensidade atual da vida, (...) é (...) uma boa leitura, no sossego íntimo de uns momentos de solidão e calma, uma das poucas coisas que podem proporcionar um pouco de tranquilidade ao nosso espírito, um pouco de ilusão à nossa vida, e mais do que isto, é também uma das poucas coisas que nos podem fazer esquecer, por momentos, a maldade dos outros, confortando a nossa alma sedenta de sonho e de fantasia (*Selecta*, agosto de 1914).

---

<sup>6</sup> Faço referência às falas das professoras Tania De Lucca e Ana Luiza Martins realizadas no encontro anual do grupo de pesquisa “Imprensa e Circulação de Ideias nos séculos XIX e XX”, intitulado “Revistas em revista, desafios e balanços. Historicidade, interdisciplinaridade, circulação”, realizado nos dias 12, 13 e 14 de agosto de 2019 na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> A revista *Selecta* foi pesquisada na Fundação Biblioteca Nacional e seu primeiro número de 1914 encontra-se sem a capa. A outra instituição que possui a revista, o Arquivo Histórico do Instituto Histórico e Geográfico brasileiro não possui esse primeiro exemplar de 1914.

Diferente de *Fon-Fon!*, que associava-se ao automóvel produzindo uma sensação de rapidez, de encurtamento das distâncias e do tempo, em conexão justamente com a velocidade (como boa parte das revistas ilustradas do mercado), *Selecta* trazia o “sossego”, a “tranquilidade”, a leitura como uma espécie de anestesia contra a aspereza do mundo moderno, por isso a revista tinha o formato quase de um livro, abordando em artigos detalhados e longos um amplo leque de temáticas, uma característica que, segundo Vera Lins (2010, p. 32) dava uma característica “mais literária” a revista, mas sem deixar de lado as ilustrações: “(...) será uma revista profusa e nitidamente ilustrada, em que serão tratados assuntos nacionais e estrangeiros, literatura, descrições, teses sociais, artes, teatros, esportes, modas, (...)” (*Fon-Fon!* Ano VIII, 30 de jul. de 1914).

Segundo publicado em *Fon-Fon!* (n. 35, 29 de agosto de 1914), o número experimental de *Selecta* teve uma boa recepção, mas o projeto teve que ser interrompido pela falta de papel *couché*, importado da Europa, cuja remessa tornou-se irregular devido ao início da guerra na Europa, dado o número alentado de páginas do novo empreendimento, o grupo *Fon-Fon!* resolveu adiar o projeto por um tempo.<sup>8</sup> Em uma avaliação de suas características gerais, percebemos que esse primeiro número da revista era voltado em grande parte para o público feminino, com diversas colunas e artigos nesse sentido, além de colunas voltadas para higiene pessoal e culinária.<sup>9</sup> Cabe ressaltar, que, devido ao foco no público feminino, *Selecta* foi incluída em estudos como os de Claudia Oliveira (2004, 2010), que procuram compreender como as mudanças no cenário urbano carioca influíram na vida das mulheres. Enfim, o restante da revista era composto por textos literários, artigos sobre cidades ou países, eventos ou personagens históricos, e a temporada teatral no Rio e em São Paulo, além de fartas reportagens fotográficas.

A revista é retomada em meados de 1915, relançada como a “Única revista nacional no seu gênero. Leitura instrutiva e interessante” (*Fon-Fon!* n. 31, 31 de julho de 1915), sua redação era composta de “conhecedores do ofício, todos moços, cheios de vigor de imaginação e sinceridade, próprios da idade”, mas também integrava o grupo “algumas senhoras”, justamente para que “os assuntos interessando à massa feminina dos nossos leitores” fossem tratados por “especialistas”.<sup>10</sup> O formato é semelhante ao primeiro número

---

<sup>8</sup> Um número de *Selecta* consumia o dobro de papel *couché* utilizado em *Fon-Fon!* (*Fon-Fon!*, n. 35 – 29 de agosto de 1914).

<sup>9</sup> Exemplos de artigos voltados para o público feminino: “A Mulher e a Rua”, assinada por Flavio, pseudônimo de Mário Pederneiras, “Feira de Maridos. A maneira engenhosa de não ficar solteira – Do “lunch” ao casamento” e “Feminismo – O voto das mulheres” (*Selecta*, agosto de 1914).

<sup>10</sup> Segundo listado nesse primeiro número de 1915, a revista apresentava as seguintes colunas e temas: “Artes e Artistas”, “Variedades”, “Contos Alegres”, “História Nacional”, “Páginas Históricas”, “Cidades e Lugares”, “Horoscopo”, “Teses sociais”, “Novelas”, “Mulheres Ilustres”, “Páginas Contemporâneas”, “Os Menus de Madame”, “Teatro e Comédias”, “Coisas de Higiene”, “Indústrias Originais”, “Contos Regionais”, “Hortas e Jardins”, “Cartas Femininas”, “Mundo

de 1914, com um volume alentado de páginas que varia entre 30 e 40, longos artigos, nem sempre ilustrados, propagandas apenas na contracapa e ausência de caricaturas, que só apareceram na revista a partir de agosto de 1917.<sup>11</sup> É perceptível que a revista tem um caráter mais ‘sisudo’, contrastando com suas supostas ‘irmãs’, nem nos editoriais vemos aquele humor ácido tão característico de revistas como *Careta* e *O Malho*, porém, a revista não remete a um debate profundo sobre cultura e nacionalidade como *Revista do Brasil* (De Luca, 1999) ou *Estética* (Velloso, 2010). No caso, o formato adotado pela revista procura associar a moderna linguagem das revistas ilustradas de início do século XX com aquela de final do XIX, como *A Ilustração* (1889-1892). Segundo Tania de Luca, (2018), o título da revista remete justamente ao conteúdo publicado em suas páginas que procurava associar imagem e pena, trazendo para o público carioca material proveniente de revistas internacionais, um conteúdo cuja seleção implicava em uma “apropriação criativa que difundia sensibilidades, gostos e valores (...)”.<sup>12</sup> Nesse sentido, percebemos que o formato de *Selecta* dialoga diretamente com esse modelo que tem na ilustração um de seus pilares, associada à uma intensa perspectiva transatlântica, com circulação e apropriação de material que tinha como fonte os principais jornais e revistas do mundo ocidental, como por exemplo, os franceses *Mercure de France*, *Révue des Deux Mondes*, *Revue de Paris*, *Le Temps*. Com a guerra, foram incluídas publicações que circulavam exclusivamente na zona de guerra, como *Bulletin des Armées de la République*, *Les Etudes de la Guerre* e *Guerre Aérienne*. Encontramos também reprodução de artigos dos ingleses *The Times* e *London Telegraph*, do italiano *Corriere della Sera* e do *Tribune*, de Nova York. Enfim, a ideia de *Fon-Fon!* era justamente criar um gênero híbrido com artigos e reportagens nacionais e principalmente internacionais sobre temáticas variadas, porém, sem abdicar totalmente do formato da revista semanal ilustrada.

“Destinchada” a revista, voltamo-nos finalmente para nossa questão central: qual o impacto da guerra no modelo apresentado em meados de 1915 quando a revista foi relançada? Primeiramente, devemos atentar para o fato de que a revista renasce em meio à guerra, algo que o grupo *Fon-Fon!* não poderia de forma alguma ignorar, assim duas novas colunas (que não existiam no protótipo de 1914) são acrescentadas: “Páginas Contemporâneas” e “Transatlânticas”, as duas publicavam exclusivamente artigos e

---

Pitoresco”, “Poesias”, “Contos Infantis” e “Esportes”. A revista passa a ser semanal (e não mensal como planejado em 1914) e era vendida pelo mesmo preço de *Fon-Fon!*: 400 rs (*Selecta*, n. 1, 02 de junho de 1915).

<sup>11</sup> A partir de agosto de 1917, a revista passou a publicar de dois em dois meses caricaturas de Seth.

<sup>12</sup> Segundo Tania De Luca (2018), a associação entre imagem e pena foi tão importante que implicou uma mudança na trajetória dos periódicos no século XIX, algo que pode resumido na seguinte frase publicada em março de 1843 em uma das primeiras revistas franceses do gênero: “Puisque le goût du siècle a relevé le mot Illustration, prenons-le! Nous nous en servirons pour caractériser un nouveau mode de la presse novelliste”. Assim “multiplicaram-se, nos mais variados idiomas, títulos que ostentavam os termos “ilustrado” ou “ilustração”, mobilizados por periódicos de todos os gêneros, prática que adentrou o século seguinte e da qual o Brasil e Portugal oferecem vários exemplos”.

notícias da guerra. A revista também um lança um concurso de canções de marcha cujo objetivo era dotar a tropa brasileira de canções que incentivassem o patriotismo (*Selecta*, n.19, 6 de out. de 1915). O concurso, que tinha como inspiração canções de marcha comumente utilizadas pelo exército francês, servia ainda de chamariz para novos leitores, prática comum nas revistas ilustradas cariocas.

O posicionamento pró-aliado da revista fica bem explícito já no final de 1915, como a publicação de uma matéria sobre a destruição da Bélgica de autoria do poeta belga Emile Verhaeren que, após descrever as conquistas belgas ao longo dos séculos, afirmava o lugar proeminente dos belgas na evolução da civilização ocidental: “Tivemos a honra (...) de ser os primeiros defensores de um passado de esplendor e de civilização. A Grécia e Roma estavam ao nosso lado, invisíveis” (*Selecta*, n.24, 10 de nov. de 1915). No mesmo número, a coluna “Páginas Contemporâneas”, publica artigo extremamente crítico à atuação do imperador alemão, Guilherme II, cujas ações estavam indo na contramão do “sonho de Bismarck”, pois o pangermanismo por ele imaginado “não devia ser tentado numa guerra de vida ou de morte...”. Na matéria, assinada por Alexandre Bérard, a Alemanha era a grande culpada pela guerra:

(...) Não foi, entretanto, a França que provocou a guerra. Ela fez tudo para evitá-la! É porque a Alemanha está nas mãos de fidalgotes prussianos, dos abomináveis herdeiros dos ferozes cavaleiros teutônicos. (*Selecta*, n.24, 10 de nov. de 1915).

Por fim, em dezembro de 1915, a revista publica no seu suplemento a reportagem que utilizamos no início do artigo, do caricaturista parisiense Sem, que vai ao front francês e escreve uma longa crônica de sua experiência, basicamente uma sequência de odes à tecnologia de guerra francesa: “(...) fico alucinado com esse rodar incessante de caminhões e de trens para as monstruosas oficinas de destruição que se tornaram os campos de batalha. (...) dá uma confiança inabalável!” (*Selecta*, n. 31, 29 de dez. de 1915). O repórter segue descrevendo uma cidade francesa perto do front que servia de base para as operações de guerra, a “Poiluville”, e trata de descrever a rotina de seus habitantes “poilus” e também de alguns prisioneiros “boches”: “Olho para eles com ávido do horror como se nunca em minha vida tivesse visto um só Alemão”<sup>13</sup>. A descrição segue então a caracterização depreciativa do inimigo característica do momento:

Um abismo nos separa dessa gente. (...). Eles não parecem homens como nós. É uma gente à parte, (...) os observo com a mesma curiosidade má que leva a multidão à porta dos tribunais para ver passar os criminosos (...) Aquele com o queixo prognata de Visigodo talvez mandasse queimar mulheres vivas; (...). Essa

<sup>13</sup> O repórter não foi autorizado a divulgar o nome da cidade, daí o apelido de “Poilusville”, ou cidade dos “poilus, apelido dado aos combatentes franceses.

gente tem uma fealdade incompreensível para nós, uma fealdade de Hunos, que demonstra quanto a sua origem é afastada da nossa. (...) Desprende-se deles um fétido de hienas na jaula, (...) (*Selecta*, n. 31, 29 de dez. de 1915).

Com relação às colunas criadas, o primeiro artigo de “Páginas contemporâneas” versou sobre a Bélgica e procurava informar o leitor como se alimentava a população do país, considerando o caos instalado com a guerra (*Selecta*, n. 1, 02 de junho de 1915). Em novembro, publicou uma longa digressão do prestigiado historiador francês Charles Seignobos, professor da Universidade de Paris sobre em quais bases poderiam se reestabelecer a paz na Europa (*Selecta*, Ano I. N. 23 – 3 de nov. 1915). No final de dezembro, a coluna trouxe artigo assinado por Guilherme Emanuel, intitulado “O Arsenal Diabólico”, que denunciava a Alemanha pela “indignidade” de usar “veneno como arma de guerra” (*Selecta*, ano 1, n. 31, 29 de dez. De 1915).

Já a coluna “Transatlânticas. Pelo correio”, que trazia uma variedade de notícias e artigos diversos sobre a guerra, vinha assinada por Lutécio Sena, que dava sua opinião sobre essas reproduções. Com o desenrolar da guerra, a coluna assume grande importância e em abril de 1917 passa a ocupar o espaço dedicado ao editorial da revista. Um espaço importante que desde 1915, quando a revista foi relançada, era ocupado pela coluna “Carta Femininas”, dedicada ao público feminino e assinada pelo grupo de redatoras mulheres da revista e que durou apenas até janeiro de 1916, sendo substituído por diversas matérias estrangeiras versando sobre a guerra.

As volumosas ilustrações da guerra publicadas pela revista aparecem primeiramente sob a legenda “Páginas da Guerra”, depois “Aspectos da Guerra”, assumindo também temáticas específicas como “Portugal na Guerra”, “Estados Unidos na Guerra” e “O Brasil na Guerra”. Com relação à Portugal, a revista destaca a contratação do serviço de reportagens fotográficas de J. Benoliel, que atuava na *Ilustração Portuguesa* e em vários jornais franceses e ingleses (*Selecta*, ano 1, n. 25, 22 de junho 1916). O esforço de guerra norte-americano, além das inúmeras imagens, foi alvo de matérias detalhadas que abordavam os preparativos para o envio de tropas ao cenário de guerra. Uma delas inclusive especificava para o leitor o que comia um soldado norte-americano. Segundo a matéria, a alimentação “dos soldados do Tio Sam” era uma das “mais abundantes que jamais se viu”. Uma dieta em torno de 4.199 calorias, “valor altíssimo”, afirmava o artigo, se comparado com o rancho do soldado francês, com 3.240 calorias, já o soldado inglês comia em torno de 3.252 calorias, o soldado alemão 3.147 calorias e o austríaco 2.620 calorias (*Selecta*, ano 1, n.5, 2 de fev. de 1918).

É impossível dentro dos limites desse artigo realizar uma análise profunda de todo o material publicado na revista sobre a guerra. Assim, optamos por identificar alguns dos assuntos mais abordados pela revista para um panorama geral de como guerra foi narrada, representada e construída para os leitores de *Selecta*. Para facilitar nossa análise, separamos as publicações de *Selecta* relativas à guerra em grupos temáticos, são eles: o custo da guerra; combustíveis utilizados na guerra; a história da guerra; a evolução dos armamentos; feridos mutilados e doenças provocadas pela guerra; a evolução das comunicações; espionagem e a propaganda; as mulheres na guerra; a realeza europeia e a guerra; aspectos místicos da guerra; a importância da música na guerra; e por fim, os animais e a guerra.<sup>14</sup>

Pela variedade de temas, podemos afirmar que um leitor assíduo de *Selecta* tinha acesso a uma quantidade considerável de informações sobre guerra, com uma riqueza de detalhes talvez não encontrada no restante da imprensa carioca. Ele saberia, por exemplo, quanto custou os primeiros cem dias de combate em Verdum, algo em torno de cinco bilhões de francos (*Selecta*, ano III, n. 22, 2 de junho 1917), e que um dos principais combustíveis da guerra era o minério de ferro, por isso a região da Alsácia-Lorena era tão importante para a Alemanha (*Selecta*, ano III, n. 34, 25 de agosto de 1917). O leitor teria também uma boa noção da história das guerras em geral, o artigo publicado em junho de 1916 comparava a guerra atual com as da antiguidade, destacando semelhanças, afinal, trincheiras e fossos eram tão antigos quanto a própria arte da guerra (*Selecta*, n. 26, 29 de junho 1916). Contudo, tratava-se uma guerra diferente, era uma guerra mais cruel do que as outras, segundo artigo que recorda saudoso os “belos tempos da lealdade cavalheiresca” de Luís XIV (*Selecta*, ano III, n. 52, 29 de dez de 1917).

Além, de novas táticas, não tão civilizadas, a guerra iniciada em 1914 tinha armas mais modernas, em fevereiro de 1916, o público de *Selecta* pôde ler detalhadamente sobre essas novidades: nos mares, os submarinos; em terra, os *tanks* e no ar, os aviões (*Selecta*, ano II, n. 8, 23 de fev.1916). Em abril do mesmo ano, o artigo “Velhas e sempre novas armas de guerra” faz longa digressão sobre a evolução dos armamentos, “da catapulta ao canhão, dá pólvora para dinamite, (...) as velhas coisas renascem” (*Selecta*, ano II, n. 15, 13 de abril 1916). Em julho de 1919, terminado o conflito, o leitor poderia ter uma boa noção do que foi essa evolução dos armamentos com o artigo “A arte da guerra”, de Napoleão à idade contemporânea, caracterizada como a “verdadeira idade da guerra, quando a ciência armou os exércitos de meios infalíveis” (*Selecta*, ano V, n. 27 – 5 de julho 1919).

---

<sup>14</sup> A metodologia utilizada para fazer tal seleção levou em consideração a elevada frequência de artigos publicados sobre determinada temática ao longo dos cinco anos analisados (1915-1919).

Armas mais potentes geraram conseqüentemente uma quantidade absurda de mortos e feridos. O tratamento dado aos mutilados foi alvo de inúmeros artigos, que destacavam a evolução das próteses, caracterizando como “animadoras” as soluções encontradas até o momento (*Selecta*, n. 22, 1 de junho 1916). Os resultados seriam tão bons que alguns combates até retornavam à frente de batalha, afirmava a matéria intitulada “Auxílio aos soldados mutilados”, publicada na coluna “Páginas Contemporâneas”. (*Selecta*, ano II, n. 16 – 20 de abril 1916). Os artigos vinham geralmente acompanhados de imagens dos ex-combatentes praticando esportes ou trabalhando.

A evolução nas comunicações é outro assunto frequente nas páginas de *Selecta*, o artigo publicado em maio de 1916 discorre longamente sobre o sistema de cabos submarinos que possibilitavam a comunicação mundial. Como boa parte dessas linhas encontrava-se controlada pelos ingleses, que detinham o monopólio de sua fabricação e instalação, uma de suas primeiras atitudes foi bloquear a Alemanha: “(...) o Império de Guilherme II vê cortados os outros meios de comunicação que permitiam o entretenimento das suas relações morais com o resto do mundo. É o telegrafo que também lhe falta...” (*Selecta*, ano II, n. 21 – 25 de maio 1916).

Contudo, mesmo isolada do mundo a Alemanha mantinha uma rede complexa de espões. Um leitor desavisado de *Selecta* ficaria com a impressão de que o ato de espionar era exclusividade alemã, dada a ausência de informação sobre a existência de espionagem por parte dos aliados. O artigo do jornalista norte-americano John R. Rathom, reproduzido em *Selecta*, explicava detalhadamente como funcionava o sistema de espionagem alemão nos Estados Unidos (*Selecta*, ano IV, n. 24 – 15 de junho 1918). Em agosto de 1918, outro artigo discorria sobre a história da espionagem alemã na França, desde meados de 1870 (*Selecta*, ano IV, n. 35 - 31 de agosto 1918). O mesmo pode ser afirmado sobre as ações de propaganda em países neutros: não há referências às ações desse tipo perpetrada pelos aliados, mas sim à complexa estratégia de propaganda alemã.<sup>15</sup> Publicado originalmente na *Revue de Paris* e assinado por Franck Schoell, o artigo detalhava como a propaganda alemã “usando de meios e processos que repugnariam aos países da Entente (...) muitas vezes quase chegaram a perturbar a consciência dos não beligerantes” (*Selecta*, ano IV, n. 43 – 26 de outubro de 1918).

Projetada originalmente para atender com especial atenção o público feminino, era esperado que *Selecta* reservasse muitas páginas para artigos e reportagem que tratavam do

---

<sup>15</sup> Como exemplo da propaganda cultural em países neutros perpetrada por aliados, temos a vinda do músico francês Darius Milhaud para Brasil em 1917, com o objetivo estreitar ainda mais os laços que uniam a música francesa e brasileira, contribuindo assim, para a causa francesa no âmbito da intensa batalha cultural que se travava no momento (FAGUNDES, 2017).

novo papel assumidos pelas mulheres na sociedade devido ao esforço de guerra. Em maio de 1917, um longo artigo detalhava quais eram as novas funções das mulheres nos países beligerantes, substituindo os homens: “(...) na Áustria e na Alemanha as mulheres empregam-se em trabalhos agrícolas; na Inglaterra, em obras industriais e nas oficinas; e na Itália são (...) condutoras de *tramways* e carroceiras” (*Selecta*, ano III, n. 19, 12 de maio 1917). Contudo, quando o conflito terminasse, qual seria o novo papel da mulher na sociedade? Na coluna “Transatlânticas”, Lutecio Sena comenta uma enquete publicada na revista francesa *Renaissance* sobre o assunto. Segundo Caroline André, presidente da *Oeuvre de Préservation et de Sauvetage de la Femme*, as conquistas femininas “realizadas em todos os domínios da atividade social ficarão estabelecidas. A vida social não terá mais por base o homem, mas o casal. É das forças reunidas dos esposos que a pátria tem necessidade”. Lutecio Sena conclui a coluna ressaltando que seria inevitável que as mulheres assumissem um papel diferente depois da guerra, não apenas na França, mas em outras partes do mundo (*Selecta*, n. 20, 19 de maio de 1916).

As mudanças geradas pela guerra afetaram também o cotidiano dos reis e rainhas europeus, bem como as relações entre eles, que desciam ao nível familiar. Assim, além de publicar matérias frequentes sobre o que andavam fazendo reis, rainhas, príncipes e princesas, a revista polemizou sobre as “inimizades de família” geradas pelo conflito: o imperador Guilherme voltaria a visitar seu primo rei Jorge da Inglaterra? E como faria o príncipe Henrique da Prússia cuja esposa era irmã da Tzarina Alexandra? (*Selecta*, ano II, n. 16 – 20 de abril 1916). A intrincada rede de relações familiares da realeza europeia era explicada acompanhada de fotografias de seus principais personagens.

Além das desventuras da realeza europeia, os leitores de *Selecta* acompanharam outros episódios curiosos que se desenrolavam durante a guerra, faço referência aos relatos de visões, sonhos e superstições dos combatentes, classificados na categoria “misticismo e guerra”, também encontramos artigos que versavam sobre religião ou espiritualidade. Utilizando como sempre publicações internacionais, geralmente francesas, a revista publica a matéria de Guillaume Apollinaire do *Mercure de France* sobre as superstições nas trincheiras (*Selecta*, ano III, n. 17 – 28 de abril 1917). Segundo Apollinaire, uma das superstições no front era a do “fósforo único, que dá lume a três cigarros”: se um mesmo fósforo acendesse três cigarros, todos os três fumantes morreriam. Os pressentimentos ou visões viraram inclusive parte de um estudo realizado por Charles Richet, e detalhado em artigo do *Bulletin des Armées de la République*, reproduzido em *Selecta*. O estudo coletava “casos de pressentimento ou telepatia autênticos” experimentado por combatentes, um exemplo seria o caso de um soldado que “(...) viu o cadáver do pai num féretro circundado

de círios. Sofreu tal emoção que declarou aos companheiros estar certo de lhe haver morrido o pai. De fato, no mesmo dia chegou-lhe um telegrama, anunciando essa morte (...). Segundo o relato, também o pai convalescente ‘encontrou’ brevemente o filho antes de morrer: ““Estive com meu filho na trincheira. Vi-o. Estou contente. Tudo vai bem”. (...) Verificou-se depois que a hora da suposta visita coincidia perfeitamente com a da visão do filho”. (*Selecta*, ano IV, n. 10 – 9 de março de 1918).

Temos ainda as publicações que relacionam música e guerra, uma delas, intitulada “As bandas militares” de março de 1918, faz um exaustivo histórico da música no front, desde os egípcios, passando por gregos e romanos: “É preciso ser solado e haver experimentado o delírio da guerra, para saber o que vale a influência da música militar”. Segundo o artigo, foi no início do século XVII que as bandas militares começaram a organizar-se de um modo definitivo e termina relatando a atuação heroica da banda do 460º Regimento de Infantaria francês, por ocasião da batalha de Vauquois. (*Selecta*, ano IV, N. 10 – 9 de março de 1918). Ainda sobre essa temática, cabe lembrar o concurso de canções de marcha, lançado pela revista em meados de 1915 e citado anteriormente.

Complementando esse quadro bem eclético cabe destacar os artigos que relacionavam a guerra com animais, ou melhor com a função de certos animais na frente de batalha, como os cachorros, que teriam, segundo a publicação, diversas funções na guerra. Como demonstra a publicação de junho de 1917, teríamos o “cão sentinela avançada”, muito utilizado pelos alemães, que contariam com até 10 cães em seus batalhões, já os russos empregariam o “cão sanitário” que ajudava as equipes de resgate a encontrar feridos no campo de batalha, e os franceses teriam o “cão metralhador”, encarregado de realizar o transporte do armamento. (*Selecta*, ano IV, n. 23, 9 de junho 1917).

Por fim, cabe destacar que a revista tem um posicionamento pró-engajamento brasileiro na guerra, ao lado dos aliados. A neutralidade brasileira na guerra aparece como tema após o famoso discurso de Ruy Barbosa em Buenos Aires em julho de 1916, conhecido como “O dever dos neutros” e que critica a neutralidade de países como o Brasil diante das atrocidades cometidas na guerra pela Alemanha e seus aliados<sup>16</sup>. Ao comentar favoravelmente o discurso na coluna “Transatlânticas”, Lutecio Sena acrescentou ainda a afinidade das democracias sul-americanas com as culturas latinas representadas pela França e Itália; e que a entrada de Portugal na guerra aumentou as simpatias nacionais pela causa aliada. O artigo de Sena avaliava que partir daquele momento, a posição do Brasil perante

---

<sup>16</sup> Ruy Barbosa foi enviado a Buenos Aires pelo presidente Wenceslau Brás para representar o Brasil nas comemorações da independência Argentina, o discurso foi proferido na Faculdade de Direito de Buenos Aires em 14 de julho de 1916 (Silva, 2009, p.26,p.125).

o conflito passava a ser bem clara, ou seja, inclinando-se para os aliados (*Selecta*, n. 30, 29 de julho 1916). Nessa mesma edição da revista, Claudio Gama registrava na coluna “Correio para os Estados” a recepção entusiástica do discurso de Ruy pelo Brasil, reafirmando sua importância para compreensão de qual seria o papel dos países neutros na guerra (*Selecta*, n.30, 29 de julho 1916). O apoio à mobilização e a militarização da sociedade brasileira são destaque na revista através de inúmeras reportagens fotográficas sobre os exercícios das Linhas de Tiro pelo país e pelo apoio à iniciativa de Gustavo Barroso, que propunha restaurar o uniforme da Imperial Guarda de Honra criada por D. Pedro I em 1822 para ser adotado pelo 1º Regimento de Cavalaria do Exército, sob a designação de “Dragões da Independência”<sup>17</sup>. A edição da revista de junho de 1917 reproduzia conferência de Barroso no Clube Militar, na qual ressaltava a importância do culto às tradições militares e exaltava a história militar nacional: “nunca fomos vencidos e nenhuma história militar é mais bela do que a nossa, sem o amor do passado e a lição dos feitos antigos, não pode haver nacionalidade” (*Selecta*, n. 23, 9 de junho de 1917). Vale acrescentar que Barroso fazia parte da direção de *Fon-Fon!* o que também explica o apoio tão entusiástico da revista à iniciativa.

A revogação da neutralidade brasileira em favor da França, Rússia, Grã-Bretanha, Japão, Portugal e Itália foi decretada ainda em junho de 1917, e teve como justificava a reincidência de ataques de submarinos alemães aos vapores brasileiros. A capa de *Selecta* de 21 de setembro de 1918 é emblemática dessa mobilização: traz uma brasileira com uniforme militar, na legenda lê-se: “O Brasil não pode, não quer e não sabe viver sem honra. Wenceslau Braz” (*Selecta*, ano III, n. 38, 21 de set. 1918). A lei de guerra foi sancionada apenas no final do ano, em 16 de novembro de 1917. Contudo, já havia um amplo debate sobre que tipo de auxílio o país poderia prestar aos seus aliados no cenário de guerra, na coluna *Transatlânticas*, Lutecio Sena reproduz “a opinião de pessoa responsável, que ocupa posição do maior destaque no ministério das relações exteriores de França” atestando que o Brasil poderia contribuir com o “abastecimento de víveres, o policiamento do Atlântico sul e a utilização dos navios alemães (...)”, mas poderia também enviar para o *front* “corpos técnicos de engenheiros, sapadores e granadeiros, equipados para praticarem nos serviços de aviação, (...), que trabalhariam nas usinas de munições, construção de aeroplanos e estaleiros navais”. Segundo Sena, o Brasil seria “o juiz competente para julgar a questão na medida dos seus deveres e dos seus interesses” (*Selecta*, ano III, n.45 – 10 de nov. 1917). No caso, a participação brasileira ao lado das forças aliadas, consistiu no envio da Missão Médico Militar Brasileira e da Divisão Naval de Operações em Guerra, cujo objetivo era

---

<sup>17</sup> Segundo narra o próprio Barroso em seu *História Militar do Brasil* (1938) o projeto foi inclusive aprovado pela Câmara em 1916, porém, rejeitado no Senado. Somente em 1926 seria oficializado pelo governo adotando a designação de “Dragões da Independência”.

patrulhar as águas do Atlântico Sul. Contudo, dificuldades técnicas com a frota e a morte de parte de sua tripulação pela epidemia de gripe espanhola, comprometeram a ação brasileira, que acabou pouco contribuindo para o fim do conflito (Daróz, 2016).

Se foi diminuta a participação brasileira no conflito, seus impactos culturais não devem ser menosprezados, perceptíveis através da mobilização da sociedade e, principalmente, da atuação da imprensa. Em *Selecta* a guerra ganhou paulatinamente mais espaço até o seu ápice em 1918, já o conteúdo feminino não relacionado à guerra perdeu espaço com a alteração do editorial da revista: a partir de 1916, voltou-se exclusivamente para a guerra. Não que a revista deixasse de lado seu público feminino, continuou publicando colunas sobre culinária, beleza e moda, essa última, também influenciada pela guerra<sup>18</sup>. O que ocorreu foi um ‘ajuste fino’ da revista, deslocando o foco para publicações que versassem sobre o assunto mais importante e mais requisitado pelos leitores: a guerra. O conflito é narrado pela perspectiva aliada, o que fica claro já no final de 1915. A revista tinha “lado” e um leitor germanófilo provavelmente ficaria bastante irritado com suas publicações que isentavam os aliados, não apenas da deflagração do conflito em si, mas de ações consideradas ‘baixas’ como a espionagem ou uso de gases tóxicos. Em um outro nível, a revista trouxe um caráter enciclopédico para a narrativa da guerra, inundando seu leitor com uma abundância de informações que iam desde as calorias ingeridas pelo soldado norteamericano até a importância da música no campo de batalha. Da superstição do único fosforo que ao acender três cigarros, sentenciava os fumantes à morte, ao custo bilionário de apenas 100 dias de uma batalha, o leitor de *Selecta* mergulhava em uma elaborada narrativa que era ao mesmo tempo uma entusiasmada propaganda do militarismo nacionalista agitado pela guerra, e um reforço dos laços com a cultura latina e cosmopolita vinculada até então. Emblemático nesse sentido é o artigo publicado em setembro de 1919, na coluna “Transatlânticas”. Terminada a guerra, comemorava-se a notícia que o estoque de champagne de Reims e Épernay estava intacto, apesar dos alemães terem bebido “cerca de 30 mil garrafas do precioso néctar”. Escondidas em adegas e depósitos subterrâneos, as garrafas de champagne, avaliadas em “500 milhões de francos”, sobreviveram à última ofensiva alemã, e a comercialização do produto já se encontrava normalizada: “Está salvo o champagne!” (*Selecta*, ano V, n. 38 – 20 de setembro 1919). Enfim, a guerra demandou uma definição por parte de cada sociedade, uma definição que não ocorreria sem inúmeros conflitos e ambiguidades.

---

<sup>18</sup> Em 1917, por exemplo, um longo artigo ressaltava que as mulheres norte-americanas queriam que seus chapéus imitassem os dos soldados aliados (*Selecta*, n. 49, 8 de dez. De 1917).

## Bibliografia:

### I – Fontes

Fundação Biblioteca Nacional

Revista *Fon-Fon!*, Rio de Janeiro, 1914-1915

Revista *Selecta*, Rio de Janeiro, 1914-1919

### II – Artigos, livros, dissertações e teses

Audoin-Rouzeau, S.; Becker, A. (2000) *14-18, retrouver la Guerre*. Paris: Gallimard. 262 p.

Arouca, F. B. (2018) *As representações da Primeira Guerra Mundial (1914-1918)*. Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social.

Barroso, G. (1938) *História Militar do Brasil. Edição ilustrada*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional,. (Brasiliana, Série 5ª, vol. 49, Biblioteca Pedagógica).

Compagnon, O. (2014) *O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco Digital.

Daróz, C. (2016) *O Brasil na Primeira Guerra Mundial. A longa travessia*. São Paulo: Contexto.

De Luca, T. (1999) *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

\_\_\_\_\_. (2018) *A Ilustração (1884-1892). Circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora Unesp Digital.

Fagundes, L. P. (2013b) Participação brasileira na Primeira Guerra Mundial. Verbete/ *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República*,. Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica>; acesso em 19/07/2015.

\_\_\_\_\_. (2017) Música e guerra: impactos da Primeira Guerra Mundial no cenário musical carioca. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo , v. 37, n. 76, p. 23-44, Dec. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882017000300023&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882017000300023&lng=en&nrm=iso)>. access on 15 May 2020. <https://doi.org/10.1590/1806-93472017v37n76-02>.

Garambone, S. (2003) *A primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad,. 110 p.

Mccann, F. D. (2007) *Soldados da Pátria: história do exército brasileiro, 1889-1937*. São Paulo: Companhia das Letras.

Molina, M. (2015) *História dos jornais no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras,. v. 1. Da era colonial à Regência (1500-1840).

Lins, Vera. (2010) Em revistas, o simbolismo e a virada do século, in Oliveira, C. de; Velloso, M. P.; Lins, V.. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro:

Garamond, pp. 15-42.

Oliveira, C. de. (2010) A iconografia do moderno: a representação da vida urbana, in: OLIVEIRA, C. de; Velloso, M. P.; Lins, V. *O moderno em revista: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, pp.111-249.

\_\_\_\_\_. (2004) A ‘Vênus Moderna’: Mulher e Sexualidade nas Ilustradas Cariocas Fon-Fon!, *Selecta e Para Todos...*, entre 1900-1910. *Mneme – Revista de Humanidades*. Rio Grande do Norte, n. 11, p. 85-100, jul./set. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme11/081.pdf>>. Acesso em: jul./2019.

Paddock, T. (2014) *World War I and Propaganda*. Leiden, Boston: Brill,.

Pereira, A. (2019) A imprensa durante a Primeira Guerra Mundial e a organização das notícias: do título à manchete. *Jornal Alcar - Nº 6 - Fevereiro de 2013*. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-no-6-fevereiro-de-2013> Acesso em 10 jul.

Sevcencko, N. (1995) *Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense.

Silva, L. de A. (2009) *O Discurso Modernizador de Rui Barbosa (1879-1923)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Velloso, M. P. (1996) *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.

\_\_\_\_\_. (2003) O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,. (O Brasil republicano; v.1).

\_\_\_\_\_. (2010a). *História & Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora – (Coleção História &... Reflexões, 14).

\_\_\_\_\_. (2010b) As distintas retóricas do moderno, in: Oliveira, C. de; Velloso, M. P.; Lins, V.. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond.